

PESSOAS: O RECURSO QUE NUNCA ACABA

PEOPLE: THE FEATURE THAT NEVER ENDS

Ary Pereira Ribeiro Neto ¹
Especialista em Gerenciamento de Projetos

Co-autor: Renato da Costa dos Santos²
Mestrando em Administração pela PUCPR

RESUMO

O presente artigo relaciona as teorias da Pirâmide das Necessidades, de Maslow, e dos Três Cérebros, de Paul MacLean, para demonstrar como o Homem vem se relacionando com o trabalho ao longo do tempo e, com isso, desenvolvendo o intelecto, as relações sociais, sua visão de mundo e seu domínio sobre a natureza. Seguindo uma sequência lógica partindo das necessidades humanas e do uso crescente da inteligência o Homem partiu de atividades básicas elementares relacionadas à sua preservação e evolução enquanto espécie até atingir a busca da satisfação pessoal em nossa sociedade moderna voltada para o consumo, baseada em conhecimento e informação, na qual o trabalho é o elemento comum que possibilita ao homem a auto realização pessoal. Demonstra, ainda, como o desenvolvimento da arte musical possibilitou a geração de uma sociedade mais inteligente que revolucionou as relações humanas a partir do desenvolvimento da escrita musical.

Palavras-chave: inteligência. necessidades. trabalho. riqueza. desenvolvimento.

ABSTRACT

The present article wants to join both theories, Maslow's Pyramid of Demands and Maclean's Triune Brain, to show how the relationship of the Mankind with the job activity has grown along the time resulting the development of his intelligence, his social relations, his knowledge of the world and his domain over the nature. Following a logical sequence starting from human demands and use of intelligence, the Mankind began in elementary basic activities related to his preservation and evolution while specie to try to get the search of personal satisfaction in nowadays consume society, based on knowledge and information, in which the job activity provides personal self realization to human been. It shows to, how the development of musical art made possible the formation of generations of more intelligent people that has been transformed the human relations starting from the development of musical notation.

Key-words: intelligence. demands. job activity. wealth. development.

¹Especialista em Gerenciamento de Projetos ICEET/FACEAR – Bacharel em Administração de Empresas-e-mail: ary.neto@yahoo.com.br

²Mestrando em Administração pela PUCPR – Administrador de empresas: e-mail: rrenatinho@yahoo.com.br.

1.INTRODUÇÃO

O Trabalho, enquanto atividade humana, pode possibilitar ao homem satisfação e crescimento pessoal. No entanto, isso nem sempre foi assim e individualmente pode não ser encarado dessa forma. Em diversas situações, e ao longo da história, o trabalho teve uma conotação de castigo ou imposição realizada por um senhor ou alguém de uma classe social dominante. A teoria das necessidades de Maslow ilustra essa evolução do homem com o trabalho, iniciando-se com as necessidades fisiológicas e de segurança, passando pelas necessidades de interação (sociais) e de estima e, por último, de auto realização. (CHIAVENATO, 2002, p. 83).

Durante a idade média, os senhores feudais dedicavam-se ao ócio enquanto seus servos lhes forneciam bens e recursos. A partir de Karl Marx (O Capital), o trabalho passou a ser considerado e enxergado como um dos fatores de produção e então a exploração do trabalho alheio passou a ser vista como vexatória e combatida. O presente artigo pretende demonstrar como o homem pôde evoluir em sua relação com o trabalho à medida em que gerava sua sobrevivência, seu crescimento no âmbito social e sua conseqüente realização pessoal. Para tanto, será feita uma abordagem utilizando em conjunto duas teorias de autores consagrados do século passado: Abraham Maslow (Teoria das necessidades) e Paul Maclean (Teoria dos três cérebros).

Em tempos de recursos escassos e alta competitividade, em um mercado global em constante transformação, os recursos humanos tornam-se o fator decisivo para a obtenção do sucesso, podendo ser responsáveis por uma falha vital em um processo ou até encontrar uma solução em um detalhe que ninguém enxergou. O trabalhador moderno tem a possibilidade de encontrar satisfação e crescimento pessoal no seu processo de desenvolvimento profissional. Ao abordarmos as possibilidades de desenvolvimento do cérebro humano desde a sua origem até os dias de hoje também dividiremos esse período em três fases: a era da terra, na qual o homem aprendeu a obter sua subsistência, a era dos deuses, na qual a exploração do homem sobre o homem deu início a um processo que prevalece até os dias de hoje, e a era do homem, na qual o conhecimento adquirido por um ser humano mais inteligente possibilitou geração de riqueza.

2.TEORIA DAS NECESSIDADES DE MASLOW

Segundo Chiavenato (2002, p. 83), “as teorias mais conhecidas sobre a motivação são relacionadas com as necessidades humanas”. O ser humano é insaciável quando se trata de necessidades, vivemos agindo em função de necessidades, criamos novas necessidades quando conseguimos o que queremos. Pode-se afirmar que o homem primitivo também agia do mesmo modo, na verdade, nós é que agimos do mesmo modo que o homem primitivo. A Teoria das Necessidades de Maslow, de 1943, tornou-se referência a partir de sua criação e é ilustrada em forma de uma pirâmide em cuja base encontram-se as necessidades primárias (fisiológicas e de segurança) e em cujo topo estão as necessidades secundárias (sociais, de estima e de auto realização) (CHIAVENATO, 2002).

A ideia de necessidades primárias e secundárias reflete a ideia da constituição da própria pirâmide na qual estão organizadas segundo uma sequência de prioridades, ou seja, existe uma sequência lógica de comportamento para se atender, primeiro, às necessidades fisiológicas para depois passar a se preocupar

com as necessidades de segurança; satisfeitas as necessidades primárias, passa-se às necessidades secundárias, iniciando pelas necessidades sociais, sucedidas pelas necessidades de estima e, no topo da pirâmide, necessidades de auto realização.

Chiavenato (2002) qualifica as necessidades da seguinte forma:

- Necessidades fisiológicas: básicas, garantem a sobrevivência do indivíduo, orientam o comportamento da pessoa quando não satisfeitas (alimentação e excreção, descanso e desejo sexual);
- Necessidades de segurança: também relacionadas à sobrevivência do indivíduo e, portanto, primárias, embora de um modo mais sutil, visam à proteção contra qualquer espécie de ameaça ou perigo, real ou imaginário, criando uma relação de dependência e garantia de abrigo, sustento, estabilidade e ausência de perigo;
- Necessidades sociais: uma vez satisfeitas as necessidades primárias concernentes ao indivíduo, este passa a se relacionar com outras pessoas em busca de afeto, aceitação, reciprocidade, participação em atividades comunitárias. São um divisor de águas uma vez que impelem ou impedem o indivíduo de atingir o topo da pirâmide se não forem devidamente satisfeitas;
- Necessidades de estima: a forma como o indivíduo se insere socialmente é diretamente relacionada à forma como se enxerga, revelando a auto estima resultante da auto avaliação. Ser reconhecido e ter prestígio, ser considerado e ter uma boa reputação, obtenção de status e aprovação social, levam a pessoa a se sentir útil, capaz, valorizada e, desta forma, gerando auto confiança;
- Necessidades de auto realização: relacionadas com o desenvolvimento contínuo do indivíduo em busca da plenitude de realização de seu potencial; de valor intrínseco, referente às aptidões individuais. Refletem o caminho percorrido e projetam para um futuro de crescimento e de realizações. O indivíduo auto confiante das necessidades de estima desenvolve agora sua autonomia e independência, sua capacidade e seu auto controle, rumo ao sucesso pessoal.

3. TEORIA DOS TRÊS CÉREBROS DE PAUL MACLEAN

Na página 9 de seu livro *“The triune brain in evolution role in paleocerebral functions”*, Paul Maclean (1989) afirma o seguinte ao explicar a figura O cérebro triuno: “Em sua evolução o cérebro humano expandiu através de três formações básicas que anatomicamente e bioquimicamente refletem uma relação ancestral, respectivamente, com os répteis, os primeiros mamíferos e os últimos mamíferos” (tradução do autor).

Calazans (2006) sintetiza a Teoria dos três cérebros de Paul Maclean de seu livro Propaganda Subliminar Multimídia da seguinte forma:

a) cérebro réptil- eixo cerebral, hipotálamo, a sede primitiva dos componentes de auto preservação: alimentação, agressão e fuga, território e sexualidade;

b) complexo límbico- cérebro mamífero, instintos de rebanho, cuidados com prole e hierarquias sociais;

c) neocórtex- última camada, onde se processam a linguagem simbólica, as abstrações, o cálculo matemático, o cruzamento heurístico e arquivos (criatividade). (CALAZANS, 2006, p. 60)

O aspecto evolucionista da Teoria dos três cérebros de Paul Maclean não é objeto de análise do presente artigo. A utilização da Teoria das necessidades de Maslow em conjunto com a Teoria dos três cérebros de Paul Maclean permite demonstrar como o ser humano passou a utilizar gradativamente, cada vez mais, a sua capacidade cerebral através do trabalho e demais atividades do cotidiano, tornando-se mais inteligente e melhorando sua condição de vida. Isto a partir de um cérebro humano pronto, já plenamente formado e potencialmente capaz.

3.1 CONCEITUANDO MASLOW X MACLEAN

Se fizermos um cruzamento das teorias de Paul Maclean e Abraham Maslow partindo da síntese de suas teorias, conforme já exposto anteriormente, e adotando a seguinte legenda:

Paul Maclean:

- a) cérebro réptil;
- b) cérebro mamífero;
- c) neocórtex.

Abraham Maslow:

- 1) necessidades fisiológicas;
- 2) necessidades de segurança;
- 3) necessidades sociais;
- 4) necessidades de estima;
- 5) necessidades de auto realização.

Poderemos construir o seguinte quadro, que iremos chamar de quadro das possibilidades de desenvolvimento da inteligência humana:

POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA				
MASLOW	1	2	3	4
MACLEAN				
A	A1	A2	A3	A4
B	B1	B2	B3	B4
C	C1	C2	C3	C4

O quadro ilustra como as necessidades fizeram com que o ser humano passasse a utilizar sua capacidade cerebral. À medida em que o ser humano passava por novas situações e adquiria experiência sua inteligência foi adquirindo um grau maior de sofisticação passando de ações puramente instintivas como a busca de alimentos, vestimenta e abrigo, A1 e A2, até grandes invenções, cálculos de fórmulas e obras de arte, C5.

4. O QUE DIZ A BÍBLIA

Ao descrever a genealogia de Caim a Bíblia cita o surgimento da primeira cidade, chamada Enoque, e ao final dessa genealogia composta por 7 gerações, menciona o domínio de técnicas que serão associadas às diferentes fases em análise, a saber: criação de rebanhos (era da terra); domínio do metal (era dos deuses) e domínio das artes (era do homem).

“e conheceu Caim a sua mulher e ela concebeu, e teve a Enoque; e ele edificou uma cidade e chamou o nome da cidade pelo nome de seu filho Enoque. E a Enoque nasceu Irade, e Irade gerou a Meujael, e Meujael gerou a Metuzael, e Metuzael gerou a Lameque. E Lameque tomou para si duas mulheres: o nome duma era Ada, e o nome da outra, Zila. E Ada teve a Jabal; esse foi o pai dos que habitam em tendas e tem gado. E o nome do seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão. E Zila também teve a Tubal-Caim; mestre de toda a obra de cobre e de ferro” (ALMEIDA, 1993, p. 23)

O texto deixa claro um ser humano pleno de suas capacidades, e essas mesmas aptidões podem ser associadas às fases em estudo da seguinte forma:

- a) Criação de gado: remete à fase inicial do ser humano nômade;
- b) Domínio do metal: criação de armas e formação de exércitos que gerou o domínio do homem sobre o homem;
- c) Domínio da arte musical: durante milênios a música foi transmitida oralmente e permaneceu rudimentar como na antiguidade, o verdadeiro domínio da arte musical ocorreu após o desenvolvimento da notação musical por Guido D'Arezzo por volta do ano 1000.

5. A ERA DA TERRA

Ao surgir sobre a face da terra o homem vivia de forma nômade. Sem conhecimento necessário de como cultivar a terra e obter seu sustento, só lhe restava extrair da natureza o que estava à sua disposição. Sem o domínio de técnicas que lhe permitissem fabricar armas para se defender ou ferramentas que o auxiliassem em atividades cotidianas, o ser humano vivia à mercê das feras e totalmente exposto às intempéries. A busca pela sobrevivência era o fator vital. Sua primeira ferramenta provavelmente tenha sido um pedaço de pau ou uma pedra que ele pode ter usado para se defender do ataque de um predador ou para derrubar um fruto em algum galho inacessível. Vicentino (2000) cita vários fatores relativos a esse período da vida humana: escassez de alimentos, vida nômade, hostilidade do meio ambiente, abrigos naturais, instrumentos rudimentares, coleta de frutos e raízes e caça e pesca, além do uso comunitário da terra, água, bosques e habitações. A descoberta e o controle do fogo foi um dos maiores avanços desse período, “permitindo o aquecimento durante o frio, a defesa ao ataque de animais e a preparação de alimentos” (VICENTINO, 2000, p. 12).

O fato é que suas necessidades do dia a dia geraram hábitos, bem como novos aprendizados que ele passou a cultivar. Sua inteligência, embora primitiva, permitiu que ele sobrevivesse às ameaças, e um fator foi decisivo nesse processo de aprendizado: a interação social, a troca de experiências, o ser humano enquanto espécie unindo forças para superar as adversidades. Ao desenvolver a capacidade de unir forças o homem conheceu a linguagem e passou a se comunicar com o

seu semelhante, iniciando um processo de sinergia pela interseção de percepções de universos distintos, com a aquisição de novos conhecimentos a cada dia. Quando terá tido nosso ancestral a ideia de utilizar um cipó para amarrar algo? Através de qual processo sentiu a necessidade de se banhar, de se vestir, de construir um abrigo? Será que a ideia da roda surgiu ao rolar um tronco para transportá-lo com mais facilidade ou terá ele encontrado uma pedra perfeitamente moldada no leito de algum riacho cristalino? A partir de que momento teria ele descoberto o sabor da carne em sua dieta? Vicentino (2000) afirma que durante a fase de coleta, os frutos foram suplementados pela caça e pesca. Em algum momento, nosso herbívoro vegetariano coletor ancestral adquiriu esse conhecimento e essa necessidade agregando-o ao seu repertório inicial de habilidades e necessidades.

Pode-se observar que o homem não teria sobrevivido se não tivesse utilizado as três partes do seu cérebro: o cérebro réptil para se defender e procriar, o cérebro mamífero para se relacionar com seus semelhantes, e o neocórtex para evoluir, descobrir novas técnicas e inventar objetos. Mas ao que tudo indica, nesse primeiro momento, o grande desenvolvimento está relacionado ao cérebro réptil, porque suas necessidades eram primárias (fisiológicas e de segurança). Ao relacionar este período ao quadro de Possibilidades de desenvolvimento da inteligência humana, pode-se imaginar a concentração da atividade cerebral em torno de A1, A2 e A3, ou seja, o cérebro réptil atendendo necessidades fisiológicas, necessidades de segurança e necessidades sociais. O homem começou a aprender a usar seu cérebro da forma mais primitiva, mas já estava tudo lá, pronto, senão ele não teria tido a capacidade de criar e inventar coisas, descobrir e armazenar conhecimento.

Conhecimento armazenado se traduz em tecnologia, e logo o homem começou a passar por transformações e conhecer novas tecnologias. Vicentino (2000) menciona maior eficiência na utilização do fogo, novas armas como arco e flecha e lanças (p. 13), pequenas construções como palafitas, cabanas e tendas (p. 15), mas uma inovação em especial viria a revolucionar o modo de vida do homem: o desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais (p. 14). No princípio o homem deve ter plantado sem abandonar o modo de vida nômade, após a colheita ele seguia seu caminho habitual, mas com o passar do tempo e a evolução das construções ele deve ter descoberto as vantagens de se fixar em um lugar, talvez por causa de construções mais elaboradas, talvez porque já não seria mais tão fácil continuar se deslocando e enfrentando outros povos, talvez pelo aumento populacional, são algumas das possibilidades.

A pedra polida é uma invenção em particular que nos remete a uma relação ancestral do homem com a mais importante matéria prima de todos os tempos, a madeira, pois permitia “sua utilização na derrubada de árvores, com as quais se podiam construir moradias, canoas, arados, etc” (VICENTINO, 2000, p. 15). Afinal, esse era o seu trabalho e desse trabalho dependia sua sobrevivência.

Deste modo as relações de trabalho do homem, num primeiro momento, caracterizam-se por: grande força e destreza física, associação dentro da espécie, pequenas construções, ferramentas e armas rudimentares, habilidades específicas – que justificam a necessidade de se associar – que eram passadas por tradição oral de pais para filhos. Como vimos, os primeiros povoados foram organizados a partir de unidades familiares, o que implica na provável inexistência de divisão em classes sociais. Portanto, de modo geral, pode-se afirmar que a Era da terra, na qual o homem trabalhava para sobreviver e extraía da natureza o que precisava quando não era possível produzir, ficou caracterizada por:

- a) grande força de destreza física: sem essas características seria difícil a sobrevivência e o elemento se tornaria um peso para o grupo, enfraquecendo e atrasando seu desenvolvimento;
- b) associação dentro da espécie: pode-se afirmar que a exploração do homem sobre o homem pouco tenha feito parte desse estágio de desenvolvimento porque não havia ninguém em condições de fazer e, por outro lado, associar-se era uma grande vantagem;
- c) pequenas construções: a mudança de um estilo de vida nômade, a variedade de técnicas, habilidades e ferramentas adquiridas admitem essa possibilidade;
- d) ferramentas e armas rudimentares: conforme os próprios achados arqueológicos evidenciam ;
- e) habilidades específicas e tradição oral: sem a escrita o conhecimento só poderia ser repassado pessoalmente, basicamente pela tradição familiar;
- f) organização social em pequenos grupos: existe a possibilidade de que as divisões em classe sociais sejam conseqüentes de organizações sociais envolvendo elevado número de pessoas e um nível social não tão rudimentar, os clãs desse período abrigavam, geralmente, pessoas de uma mesma família ou mesmo a união de algumas famílias com a união de suas habilidades específicas.

A “situação econômica” do homem na Era da terra caracteriza-se pela subsistência, o homem extraía da terra o seu sustento e nada mais, suprimindo da natureza através da coleta, da caça e da pesca aquilo que faltava das colheitas. Esse produto gerado pelo homem era fruto do seu trabalho.

6. A ERA DOS DEUSES

As inovações tecnológicas já mencionadas continuaram a se desenvolver. Vicentino (2000, p. 15) cita que com “o progresso das técnicas agrícolas, as colheitas tornaram-se mais abundantes”. Menciona também o progresso das técnicas de fundição e a evolução da metalurgia proporcionando “a substituição dos instrumentos de pedra por instrumentos de metal”, e ainda “o aperfeiçoamento dos utensílios e das armas”. Em consequência disso tudo, o resultado foi “a ação do homem sobre a natureza tornou-se mais intensa, permitindo às comunidades mais desenvolvidas exercerem domínio sobre outras, tecnicamente inferiores.” (VICENTINO, 2000).

Um fator econômico muito importante nessa nova fase foi a abundância de matéria prima. A utilização de madeira em larga escala impulsionou a economia por tratar-se de matéria prima abundante, cada vez mais disponível, e utilizada à vontade com a invenção de novas ferramentas de metal que conseguiam transformar a madeira mais dura e resistente, o que possibilitou a construção de estruturas maiores, móveis e utensílios para as casas, mais conforto e desenvolvimento para a crescente população, gerando a formação de “grupos familiares maiores – ou tribos – que constituíram o primeiro passo para a formação do Estado.” (VICENTINO, 2000, p. 15).

O já mencionado domínio de comunidades mais desenvolvidas foi acentuado pelo poder militar, pela força. Paralelamente ocorreu a formação de líderes decorrentes de uma classe de guerreiros, caçadores “hábeis nas armas e no enfrentamento, para garantir a segurança; transformados em protetores das

comunidades que, mais tarde, passaram a cobrar tributos.” (VICENTINO, 2000, p. 14). Se, por um lado, o aumento da produção fomentou a intensificação das trocas, a verdadeira riqueza, por outro lado, era gerada pela exploração e expropriação da produção dos povos mais fracos, resultando em um povo dominante mais rico e abastado, e um povo mais miserável que já não podia mais desfrutar em igualdade de condições dos benefícios gerados por esse “boom” da economia.

A nova classe privilegiada provavelmente acompanhou de perto o desenvolvimento da escrita. As novas diferenças sociais resultantes do domínio do homem sobre o homem criaram uma classe de pessoas com uma nova categoria de necessidades: necessidades de estima. “As sociedades humanas apresentam geralmente uma grande estabilidade estrutural” (KOSHIBA, 2004, p. 17). Um novo sistema de relações sociais passou a se desenvolver a partir deste momento com divisão em classes sociais, uma mudança estrutural acrescentada ao antigo sistema familiar. Nesse processo de mudanças foi introduzido o trabalho compulsório. A importância do conhecimento dos metais foi preponderante na relação de domínio. Os hicsos dominaram os egípcios por aproximadamente dois séculos porque usavam “cavalos, carros de guerra e armas feitas de ferro, equipamentos que até então eram desconhecidos no vale do Nilo.” (VICENTINO, 2000, p. 24).

Surge, ainda, uma nova figura, a figura dos sacerdotes. Bordieu (1974) faz menção à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material resultante do “conjunto de transformações tecnológicas, econômicas e sociais correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades” como condição para “constituição de um campo religioso” bem como para “o desenvolvimento de uma necessidade de moralização e de sistematização das crenças e práticas religiosas” (BORDIEU, 1974, p. 34). Ao referir-se aos templos sumérios chamados zigurates, Koshiba (2004) afirma que nessas construções “residiam a corporação de sacerdotes, que recebia e estocava as doações dos fiéis, administrando essa riqueza em nome do deus da cidade” (p. 20). Não se pode afirmar ao certo como e nem quando surgiu essa categoria de pessoas, mas o seu poder e influência sobre os povos é notável, a ponto de receberem as doações dos fiéis. Vicentino (2000) afirma que “a religião egípcia cultuava várias divindades e concedia amplos poderes aos sacerdotes” (p. 24). Segundo Bordieu (1974) o monoteísmo é “extremamente raro nas sociedades primitivas” (1974, p. 34).

Outra característica que marcou este período foi a formação de grandes impérios: egípcio, babilônico, assírio, grego e romano. Esses grandes impérios tinham um ponto em comum, eram todos politeístas, com uma breve exceção durante o reinado do faraó Amenófis IV. Preocupado com “o aumento constante da riqueza e ingerência política dos sacerdotes de Amon que ameaçavam a autoridade do governo central”, Amenófis IV estabeleceu “o culto monoteísta a Aton, o círculo solar, confiscando os bens dos sacerdotes e excluindo os demais deuses.” (VICENTINO, 2000, p. 24). Acontece que o faraó Amenófis IV, que mudou próprio seu nome para Akhenaton, não conseguiu gerar um herdeiro sucessor ao trono, “o que favoreceu o retorno do poderio dos sacerdotes e do culto politeísta tradicional”, segundo Vicentino (2000), que acrescenta que “os sacerdotes depuseram Amenófis IV e outorgaram a Tutankhamon, genro de Amenófis, o título de faraó.” (*ibidem*, p. 25).

Quando Amenófis IV tentou implementar o monoteísmo no antigo Egito estava lidando com forças acima do poder político, pura e simplesmente. A constituição de um campo religioso é resultante “da monopolização dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como

os detentores exclusivos da competência específica necessária” (BORDIEU, 1974, p. 39). Definitivamente não cabia ao faraó tomar decisões no âmbito da prática religiosa, muito menos confiscar bens dos sacerdotes e excluir deuses. Em uma sociedade com divisão de classes sociais “a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social”. (BORDIEU, 1974, p. 53). O poder conferido aos sacerdotes decorre do fato de que as práticas mágicas que eles detinham atendiam às necessidades das pessoas. Bordieu cita uma definição de Weber, em concordância com “a maioria dos autores”, das seguintes características das práticas mágicas:

“visam objetos concretos e específicos, parciais e imediatos (em oposição aos objetivos mais abstratos, mais genéricos e mais distantes que seriam os da religião); estão inspiradas pela intenção de coerção ou de manipulação dos poderes sobrenaturais (em oposição às disposições propiciatórias e contemplativas da oração, por exemplo); e por último, encontram-se fechadas no formalismo e no ritualismo do toma lá dá cá.” (BORDIEU, 1974, p. 45)

No âmbito das mudanças ocorridas, o desenvolvimento cerebral do ser humano desloca-se para o cérebro mamífero e é introduzida uma nova categoria de necessidades, como já foi dito. Ao relacionar este período ao quadro 01, pode-se perceber a concentração da atividade cerebral em torno de B1 a B4. O ser humano inserido em um contexto social, com a formação de cidades, vivendo uma vida mais confortável e buscando uma posição de status entre seus semelhantes.

Algumas características das relações do homem com o trabalho referentes à Era dos deuses: divisão de classes sociais, trabalho compulsório, domínio do homem sobre o homem, desenvolvimento da escrita, poderio militar, poder religioso, formação de cidades, grande aumento populacional, maior produção e mais conforto, grandes construções, formação de grandes impérios, instituição do sistema de trocas (comércio rudimentar), novas necessidades, propriedade privada e desenvolvimento de logística e armazenamento. Como vemos a seguir:

- a) divisão em classes sociais: o grande aumento populacional gerou a necessidade de reorganizar a estrutura social;
- b) trabalho compulsório e domínio do homem sobre o homem: povos mais desenvolvidos dominar e explorar povos mais fracos;
- c) desenvolvimento da escrita: os povos em estudo deixaram registro escrito de sua história e cultura;
- d) poderio militar e poder religioso: é bastante provável que, desde seu surgimento, esses poderes tenham andado juntos, sustentando um ao outro;
- e) formação de cidades: devido ao próprio aumento populacional, com as trocas, necessidade de proteção;
- f) maior produção e mais conforto: proporcionados pelos avanços tecnológicos e abundância de matéria prima (madeira);
- g) grandes construções e grandes impérios: o cérebro humano agindo em função das necessidades de estima buscava cada vez mais grandes realizações e grandes conquistas;
- h) comércio rudimentar: com a produção de excedentes as pessoas passaram a trocar o que lhes sobrava pelo que lhes faltava, quando havia a oportunidade;

- i) novas necessidades: muitas novas invenções, maiores possibilidades de realizações, desenvolvimento da escrita, um novo homem em um contexto mais complexo;
- j) propriedade privada: decorrente da sedentarização e também em consequência da própria relação de domínio;
- k) logística e armazenamento: um período de muitas guerras que desenvolveu esse tipo de conhecimento.

6. IGREJA CATÓLICA ROMANA

Entra em cena um novo fator que vai ser determinante no desenrolar da história da humanidade: o Império Romano adota o cristianismo como a religião oficial do império, uma decisão política que misturou as antigas práticas pagãs e disfarçou o politeísmo tão enraizado na cultura popular e chamou de romana uma religião que surgiu e cresceu na tradição judaica (BORDIEU, 1974, p. 53). Conforme Subirá (1958) escreveu sobre o cristianismo: “o mais transcendental acontecimento da Idade Antiga e o mais durável de todos quantos haveriam de influir nos destinos da humanidade desde então, é o surgimento do cristianismo” (p. 183, tradução do autor).

O Edito de Milão, por Constantino e Licínio, imperadores do Império Romano do Ocidente e do Oriente, respectivamente, no ano 313, e o Concílio de Nicéia, em 325, constituíram um golpe no paganismo ao condenar a heresia, abolir as lei contra o cristianismo e instituir o credo católico, em prejuízo da unidade religiosa (SUBIRÁ, 1958, p. 184). Finley (2009, p. 54) afirma que foram feitas mudanças “na tentativa de agradar os pagãos que estavam entrando na igreja em grande quantidade e de tornar o cristianismo mais aceitável ao império”. Algumas dessas mudanças foram: os templos pagãos continuaram a ser utilizados (SUBIRÁ, 1956, p. 188) e as imagens dos deuses pagãos foram associadas aos apóstolos e aos mártires da igreja transformados em santos; o papa foi instituído representante de Deus na terra (semelhante ao imperador); a deusa mãe dos pagãos foi associada à Virgem Maria; o dia de adoração foi mudado do sábado para o domingo, dia do sol, adorado no Egito, Babilônia, Pérsia e Roma. Segundo Finley “a igreja romana queria se distanciar do judaísmo” (1974, p. 55).

Vejamos como Bordieu define essas mudanças estruturais:

“a forma que a estrutura dos sistemas de práticas e crenças religiosas assume em um dado momento do tempo (a religião histórica) pode afastar-se bastante do conteúdo original da mensagem e só pode ser inteiramente compreendida por referência à estrutura completa das relações de produção, de reprodução, de circulação e de apropriação da mensagem, e por referência à história desta estrutura” (BORDIEU, 1974, p. 52).

Uma vez acolhidos ao cristianismo, as demais religiões passaram a ser consideradas profanas pelo império romano. Conforme Bordieu (1974, p. 44), “a aparição de uma ideologia religiosa tem por efeito relegar os antigos mitos ao estado de magia ou de feitiçaria”. Estava instituída, a partir de então, a diferenciação entre o sagrado e o profano, definida da seguinte forma por Bordieu: “a oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado” (*ibidem*, p. 43).

Por fim, o cristianismo romano atendeu a um fim político, de perpetuação do poder, de domínio do homem sobre o homem, de acúmulo de riquezas, que o afastaram definitivamente do cristianismo judaico, baseado na Bíblia e registrado nos Atos dos Apóstolos. Segundo Bordieu: “as crenças e práticas comumente designadas cristãs devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam” (1974, p. 52). Mas, por outro lado, iniciou o abandono do politeísmo para a adoção do monoteísmo pela primeira vez na história.

7. A ERA DO HOMEM

Assim como desde o princípio o homem teve que usar as três partes do cérebro para sobreviver e se desenvolver, a referência à concentração da atividade cerebral em torno de determinado eixo do quadro de Possibilidades de desenvolvimento da inteligência humana deve fazer distinção ao fato de que pessoas dotadas de uma inteligência acima do normal, os superdotados, são uma exceção, mas é um fenômeno que sempre ocorreu. No passado essas pessoas provavelmente transformaram-se em líderes, quer tenham marcado a história e entrado para a posteridade, quer não. Mas a grande maioria das pessoas deve ter tido um desenvolvimento semelhante, ou bastante próximo, como já foi afirmado, em função das necessidades, das condições socioeconômicas e das crenças relativas aos períodos em que viveram.

A Era do homem está ligada ao Renascimento, mas aponta para um ponto de partida ocorrido cerca de 300 anos antes, que proporcionou ao ser humano uma sensação nunca antes experimentada e que, gradualmente, influenciou geração após geração, pessoas que foram ficando gradativamente mais inteligentes e mais conscientes de suas reais condições de existência e de suas possibilidades de pensar, de criar, de querer e de realizar. Vicentino (2000) associa o Renascimento cultural “à expansão comercial, à reforma religiosa e ao absolutismo político” e como resultante de “manifestações artísticas, filosóficas e científicas do novo mundo urbano e burguês” (*ibidem*, p. 185). De fato, o Renascimento surgiu como um movimento de oposição “à cultura eminentemente religiosa e teocêntrica do mundo medieval” (VICENTINO, 2000, p. 185). Mas este novo comportamento humano demonstra, também, que pode haver uma origem fisiológica pelo deslocamento da atividade cerebral para o neocortex, impulsionado pelo surgimento de uma nova categoria de necessidades, a auto realização, e pelo surgimento de uma nova arte musical que evoluiu a partir do canto gregoriano após o desenvolvimento da notação musical por Guido d’Arezzo por volta do ano 1000.

“para as principais civilizações da antiguidade, o som organizado inteligentemente representava a mais elevada de todas as artes, e a música – a produção inteligente do som através de instrumentos musicais e das cordas vocais – a mais importante das ciências, o caminho mais poderoso da iluminação religiosa e a base de um governo estável e harmonioso” (TAME, 1984, p. 19).

David Tame (1984), afirma que “uma civilização permanecia estável e inalterada enquanto sua música permanecesse inalterada” (p. 16), logo a seguir cita uma frase de Cyril Scott: “uma inovação do estilo musical tem sido invariavelmente seguida de uma inovação na política e na moral” (p. 26). Ora, o período da Idade Média anterior ao Renascimento foi totalmente dominado pelo canto gregoriano que,

segundo Subirá (1958), “obteve uma prosperidade milenar, como era expressão máxima da serenidade incorruptível sendo a linguagem universal da igreja católica” (p. 260). O canto gregoriano foi um estilo musical que resultou da unificação da liturgia e do canto litúrgico realizada pelo papa Gregório (590- 604) e resultou na obra intitulada *Antiphonarius sento* que, na opinião de Gastoué, deveria chamar-se Livro de antífonas e responsórios (SUBIRÁ, 1958, p. 220). Esse estilo musical ficou caracterizado pelo paralelismo, simetria e preocupação com a métrica, a fonética e a prosódia (SUBIRÁ, 1958, p. 189), utilização dos modos eclesiásticos (autênticos e plagais) e o desenvolvimento da noção de consonâncias perfeitas (4^a, 5^a e 8^a) e imperfeitas (3^a e 6^a) e proibição do trítone, três tons, chamado de *diabulus in música* (SUBIRÁ, 1958, p. 241).

Antes de dar o próximo passo deve-se ressaltar que neste ponto encontra-se a questão principal desse artigo. Uma música estável e uma sociedade estável. Platão acreditava que “a menor alteração musical acarretava modificações no Estado” (SUBIRÁ, 1958, p. 100). Pitágoras com seu monocórdio desenvolveu os conceitos de consonância e dissonância musicais e acreditava no poder educador da música (SUBIRÁ, 1958, p. 104). Por outro lado, David Tame afirma em seu livro *O poder oculto da música* (1984) uma concepção que vem de várias civilizações desde a antiguidade de que “a música libera, no mundo material, uma energia fundamental, superfísica, que vem de fora do mundo da experiência cotidiana” (p. 24) e ainda “a crença de que há algo fundamental na música; algo que, criam os antigos, lhe dava o poder de evolver ou degradar completamente a alma do indivíduo” (p. 14). Aqui cabe ressaltar a preocupação da igreja católica com o intervalo do trítone, ao ponto de se alterar a concepção pitagórica dos sete graus da escala musical em analogia aos sete planetas (SUBIRÁ, 1958, p. 110) para o sistema hexagonal medieval apenas para não incluir este intervalo (*ibidem*, p. 255).

Com relação ao que foi afirmado que a música foi o fator que motivou a transformação fisiológica do deslocamento da atividade cerebral do complexo límbico (cérebro mamífero) para o neocortex, é fácil encontrar-se na internet artigos e pesquisas que afirmam que a música de Mozart provoca intensificação da atividade cerebral durante um certo período de tempo. Ora, se a música de Mozart consegue tal efeito sobre o homem contemporâneo em pleno século XXI, seria um exagero acreditar que a música de Palestrina, Fux, Haendell, Haydn, Bach, Mozart e Beethoven, entre tantos e tantos outros, deixaram o ser humano mais inteligente há cerca de 1000 a 500 anos atrás? David Tame (1984) afirma que “acredita-se que é vasto seu efeito sobre as emoções e desejos do homem, e os pesquisadores estão apenas começando a suspeitar-lhe da extensão da influência até sobre os processos puramente intelectuais e mentais” (p. 13) e ainda que “a música também pode representar um papel muito mais importante no determinar o caráter e a direção da civilização do que a maioria das pessoas, até agora, propendeu a crer” (p. 13). E por falar em 1000 anos atrás, “com o passar dos séculos perderam-se ou esqueceram-se os pormenores do antigo misticismo da música; a crença em que a música representava um papel no determinar a natureza moral do homem assumiu um fundamento lógico mais terreno” (TAME, 1984, p. 25). Mas vamos continuar nossa história.

8. A NOTAÇÃO MUSICAL POR GUIDO D'AREZZO

Subirá (1958) menciona vários tratadistas da teoria musical medieval, que evoluiu aliando “inconscientemente os frutos da prática e da elaboração especulativa” bem como reformulando “velhos princípios com novos usos” (p. 252). Mas havia um problema, não existia um método que permitisse uma notação uniforme e universal, o mais próximo que se conseguiu foi a escrita neumismática, que consistia no desenho de símbolos (neumas) sobre o texto que indicavam os movimentos da melodia.

No início do século XI o monge Guido d'Arezzo desenvolveu um sistema com quatro linhas paralelas que substituiu os neumas instituindo a nota escrita abrangendo tons e semitons e possibilitando “a leitura da música que antes deveria ser gravada na memória” (SUBIRÁ, 1958, p. 254) e também utilizou um hino a São João Batista, *Ut queant laxis*, tirando a primeira sílaba de cada estrofe para dar nome às notas (SUBIRÁ, 1958, p. 256). A notação musical revolucionou as técnicas de composição musical. A primeira foi o contraponto, cujo nome apenas surgiu no ano 1300 pelo erudito Juan de Garlande, o jovem (SUBIRÁ, 1958, p. 262), e que consistia em adicionar melodias a uma melodia pré-existente adicionando nota contra nota, *punctus contra punctus* em latim, e cuja “elaboração progressiva desde os rudimentos primitivos até sua plenitude deve-se a um esforço contínuo de muitos artistas e não poucas gerações” (SUBIRÁ, 1958, p. 261), tratando-se de um processo lento, mas “a ideia já era pressentida, sentida e praticada toscamente desde muito antes e posteriormente adquiriria desenvolvimento cada vez mais amplo” (SUBIRÁ, 1958, p. 262).

O fato é que esta nova técnica apresentava um “contraste absoluto entre monodia e polifonia, a saber, entre música uníssona e música com várias vozes simultâneas” (SUBIRÁ, 1958, p. 262), sendo que o primeiro “remonta a um passado dos primeiros balbúcios musicais das mais antigas gerações humanas, enquanto o segundo está ligado aos futuros rumos da arte sonora” (SUBIRÁ, 1958, p. 263). É importante salientar que este ímpeto inicial deu-se em um contexto de fim de mundo pela virada do milênio e por um longo período de estiagem que chegou a secar vários rios (SUBIRÁ, 1958, p. 268), após o qual “sentiu-se renascer a vida com nova pujança e recuperaram impulsos as atividades que pouco antes pareciam extinguir-se ante o fim de tudo” (SUBIRÁ, 1958, p. 269). Subirá (1958) afirma a respeito do contraponto vocal que este “transcendental descobrimento tem tanta importância para o desenvolvimento da música como teve o descobrimento da roda para a mecânica” (SUBIRÁ, 1958, p. 266), e sobre as transformações musicais ocorridas acrescenta que “à mercê dessa transmutação se abriram as portas de um mundo novo e se fecharam as de um mundo antigo; as evoluções históricas jamais detêm seu curso” (SUBIRÁ, 1958, p. 263).

As técnicas de composição começaram a evoluir rapidamente e foram caracterizadas pelos elementos estruturais utilizados nas composições: os tipos de intervalos, o movimento das vozes, as variações rítmicas. O contraponto inicial, já mencionado, foi chamado de *organum*. A partir do ano 1100 surgiu o discante, “uma composição musical a várias vozes construída sobre uma melodia litúrgica da qual se movem as vozes em movimento contrário” (SUBIRÁ, 1958, p. 269 e 273), outras características do discante são notas de passagem, retardos e outros adornos. Outros dois estilos característicos da época são o *gymel*, utilização de paralelismo vocal em intervalos de terças, e o fabordão, com utilização de terças e sextas paralelas (*ibidem*, p. 274).

Foi um período de muitas descobertas musicais, várias possibilidades sonoras foram surgindo, resultando em inovações musicais dos compositores “ao mostrar uma mentalidade diferente da refletida nas obras de seus antecessores, também perceberam novos conceitos que mais tarde cristalizaram-se em fórmulas condenadas a envelhecer” (SUBIRÁ, 1958, p. 274 e 275). Ainda não havia uma concepção de harmonia e formação de acordes (p. 272) e no final do século XII já surgiram três novos estilos, o *conductus*, o rondó e o moteto. O *conductus* podia ser composto a duas, três ou até quatro vozes – final do século XIII; o rondó, de caráter mais popular, consistia de diversas vozes seguindo uma linha melódica livre de origem trovadoresca (p. 276); e o moteto, pequena palavra em francês, de caráter mais religioso, era cantado sobre um *organum* e foi o estilo característico da *Ars antiqua*, e substituiu o *conductus* no final do século XIII (p. 277).

Jean Grocheu, um teórico do século XIII, deixou o seguinte registro:

“os motetos não são feitos para as pessoas do povo, porque estas não compreendem sua fineza e nem experimentam prazer em ouvi-los. Em consequência, deverão ser executados perante pessoas mais instruídas que se interessam pela boa qualidade nas artes. Durante as festas organizadas para estas pessoas é costume cantar motetos, enquanto as cantilenas e rondós ficariam reservados às festas populares” (SUBIRÁ, 1958, p. 278, tradução do autor).

9. UM HOMEM MAIS INTELIGENTE: GRANDES INVENÇÕES, NAVEGAÇÕES, COMÉRCIO, ESTADOS NACIONAIS, ALTA TECNOLOGIA

O contraponto com suas variações e estilos caracterizou a *Ars antiqua* como uma manifestação musical desenvolvida durante o século XIII, com crescimento do moteto e decadência do *conductus* (SUBIRÁ, 1958, p. 277), após elaboração prévia no século XII. O século XIV foi caracterizado pela *Ars nova*, uma música de conceito polifônico que marcou uma transformação da sociedade ao apoderar-se da anterior, a deformar e a reformular completamente (SUBIRÁ, 1958, p. 293). Subirá (1958) afirma o declínio dos cavaleiros e aristocratas e a ascensão dos burgueses e democratas (p. 315). Esta frase descreve o surgimento do comércio em larga escala, com a formação de uma nova classe de pessoas, os burgueses, e o declínio do sistema feudal.

“O sistema feudal, em última análise, repousava sobre uma organização que, em troca de proteção, frequentemente ilusória, deixava as classes trabalhadoras à mercê das classes parasitárias, e concedia a terra não a quem a cultivava, mas aos capazes de dela se apoderarem... O clero e a nobreza constituíam as classes dominantes. Controlavam a terra e o poder que dela provinha. A igreja prestava ajuda espiritual enquanto a nobreza, proteção militar. Em troca exigiam pagamento das classes trabalhadoras, sob a forma de cultivo das terras.” (HUBERMAN, 1986, p. 15)

A sociedade feudal era composta de três classes: “sacerdotes, guerreiros e trabalhadores, sendo que o homem que trabalhava produzia para ambas as outras classes, eclesiástica e militar” (HUBERMAN, 1986, p. 3). Os trabalhadores, na verdade, eram servos que cultivavam as terras dos senhores feudais. Huberman (1986) afirma que “no período feudal a terra produzia praticamente todas as mercadorias de que se necessitava” (p. 10) e, por isso mesmo, “a medida da riqueza

era determinada por um único fator – a quantidade de terra” (p. 10). Os servos não possuíam a terra mas trabalhavam para os proprietários das terras.

Existiram vários graus de servidão feudal. Huberman (1986) descreve alguns tipos, como: servos dos domínios, que eram permanentemente ligados à casa do senhor; fronteiriços, que eram camponeses muito pobres com pequenos arrendamentos de terra à orla das aldeias; aldeães, que trabalhavam em troca de comida; vilãos, que eram servos com maiores privilégios sociais e econômicos; cidadãos, pequenos proprietários independentes que pagavam uma taxa ao senhor feudal. Mas “nenhuma descrição do sistema feudal pode ser rigorosamente precisa, porque as condições mudavam de lugar para lugar” (HUBERMAN, 1986, p. 7).

A igreja foi a maior proprietária de terras do período feudal (HUBERMAN, 1986, p. 13). Enquanto a posse da terra significava riqueza, a posse de capital, fosse em forma de dinheiro ou fosse em forma de ouro, de pouco ou nada servia porque o “dinheiro da igreja não poderia ser usado para multiplicar sua grande fortuna e o mesmo acontecia com a fortuna dos nobres” (HUBERMAN, 1986, p. 16 e 17). O ser humano não sabia lidar com o dinheiro, “todo o capital dos padres e dos guerreiros era inativo, estático, imóvel, improdutivo”. No entanto, a alteração fisiológica provocada no cérebro humano pelo intenso desenvolvimento da arte musical e que deslocou a concentração da atividade cerebral do complexo límbico para o neocórtex, que está relacionado com criatividade e cálculo matemático, preparou para o surgimento de um comportamento novo no ser humano, e este foi o principal motivo para o colapso do sistema feudal, que “era completo em si – fabricava o que necessitava e consumia seus produtos” (HUBERMAN, 1986, p. 17).

Como já foi dito, enquanto a música permaneceu estável, a sociedade permaneceu estável, mas o desenvolvimento da notação musical trouxe consigo uma série de transformações que abalaram as estruturas sociais e mudaram a forma como o ser humano enxergava a vida e o mundo, despertando no homem uma nova categoria de necessidades, a necessidade de auto realização. Essa realização tornou-se possível com a intensificação do comércio, que até então era fraco por vários motivos. Huberman (1986) enumera alguns motivos: falta de demanda, mercados semanais e locais, péssimas condições ou mesmo inexistência de estradas, cobrança de pedágios e salteadores ao longo das estradas existentes.

Mas as cruzadas, afirma Huberman (1986), que foram caracterizadas por pilhagens de bens e de terras parecendo ter o propósito de difundir o Evangelho ou exterminar pagãos, ou defender a terra santa, levaram novo ímpeto ao comércio. “O século XI viu o comércio evoluir a passos largos e o século XII viu a Europa Ocidental transformar-se em consequência disso” (HUBERMAN, 1986, p. 18). Os resultados das cruzadas do ponto de vista do comércio, segundo Huberman (1986), foram: despertou a Europa do sono feudal espalhando sacerdotes, guerreiros, trabalhadores e uma crescente classe de comerciantes por toda a Europa; intensificaram a procura de mercadorias estrangeiras; restabeleceram a rota comercial entre oriente e ocidente; se, por um lado fizeram renascer o comércio no mediterrâneo, ao sul, intensificaram o comércio nos mares do norte e criaram uma rota que ligava Bruges, ao norte, a Veneza, ao sul, passando por uma série de cidades nas quais realizavam-se feiras periódicas. Essas feiras periódicas passaram a ser realizadas na Inglaterra, na França, na Bélgica, na Itália e na Alemanha e constituíram em “um primeiro passo em prol de um comércio estável e permanente” (HUBERMAN, 1986, p. 22).

Com o crescimento das feiras, estas passaram a realizar não apenas transações comerciais como também transações financeiras, como trocas de

moedas, empréstimos, negociação de letras de câmbio e de crédito (HUBERMAN, 1986, p. 24). Este desenvolvimento comercial proporcionou a reforma da economia feudal na qual a vida econômica se processava praticamente sem a utilização do dinheiro (HUBERMAN, 1986, p. 25) e trazendo expansão das cidades e o surgimento da classe dos mercadores. Huberman (1986) afirma que surgiu um novo conceito de liberdade que colocava em conflito a sociedade feudal e a nova sociedade comercial e “o povo passou a abandonar suas velhas cidades feudais para iniciar vida nova nessas ativas cidades em progresso” (p. 27). Este conflito se traduzia também na forma como mudou o conceito de riqueza: na era feudal a posse da terra representava riqueza e, agora, a posse do dinheiro representava riqueza (HUBERMAN, 1986, p. 35).

Se na era dos deuses ocorreu a divisão do trabalho em físico e intelectual, agora passa a existir a divisão do trabalho entre cidade e campo (HUBERMAN, 1986, p. 42). Dos antigos servos camponeses, os que não foram trabalhar na indústria e comércio das grandes cidades, tiveram que enfrentar o desafio de produzir para um número bem maior de pessoas. Neste sentido a produção agrícola tinha duas formas de melhorar: pelo método intensivo e pelo método extensivo. Deste modo, ocorreram melhorias das técnicas agrícolas e aumento das áreas plantadas. “Assim, o ambicioso campesinato da Europa ocidental do século XII voltou seus olhos para as terras incultas, então abundantes, como meio de fugir à opressão” (HUBERMAN, 1986, p. 43).

Deste momento em diante as transformações fizeram apenas intensificar com a formação dos Estados nacionais, as grandes navegações e avanços tecnológicos que culminaram com a revolução industrial. O homem medieval saiu em busca do sonho pessoal ao deixar o antigo modo de vida no qual estava condenado a viver sob a tutela do seu senhor. O senhor feudal, por sua vez, percebeu que “o trabalho livre era mais produtivo que o trabalho escravo” (HUBERMAN, 1986, p. 46).

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer de forma breve alguns aspectos da história humana este artigo deixa mais indagações do que respostas. Indagações do tipo: o que aconteceu com os cristãos judeus, será que eles foram os infiéis exterminados nas cruzadas? Se Karl Marx conhecesse as teorias de Maslow e de Maclean, teria ele previsto uma revolução do proletariado que nunca aconteceu senão por manipulação ideológica?

Não obstante os questionamentos citados, já é tempo de perceber que não há motivos para o ser humano continuar subjugando seu semelhante. O conhecimento adquirido, o nível de nossa civilização, permite que todas as pessoas tenham uma vida digna, o que apenas não ocorre por causa da concentração da riqueza, sem a qual a fome e a miséria já teriam sido extirpadas. Nossa sociedade de consumo valoriza o ter em virtude, talvez, de um desequilíbrio mental, de uma concentração da atividade cerebral no terceiro cérebro. O homem do futuro deve dominar os três cérebros: reconhecendo os impulsos reptilianos, compreendendo as dimensões do cérebro mamífero e de suas obrigações para com seus semelhantes, desenvolvendo uma sociedade na qual não seja necessário prender pessoas pelos seus crimes, mas sim, recuperá-las para o convívio em harmonia.

É necessário que especialistas das respectivas áreas: psicólogos, historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e religiosos, entre outros, analisem as questões aqui levantadas. Se forem verdadeiros os aspectos

considerados, creio que será possível construir uma visão mais humana do próprio homem, creio que terá sido acrescentada uma importante peça no quebra cabeças de nossa existência cujo conhecimento vai nos ajudar a olhar nossos semelhantes com bons olhos e que vamos procurar, de agora em diante, cuidar melhor uns dos outros, enquanto espécie, enquanto frutos do milagre da vida no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. **Bíblia de estudos Almeida** Soc. Bíblica do Brasil, São Paulo, 1999.
- BORDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas** Ed Perspectiva, São Paulo, 1974.
- CALAZANS, F. **Propaganda subliminar multimídia** 7ª ed, Summus Ed., São Paulo, 2006.
- CHIAVENATO, I. **Recursos humanos** 7ª ed, Ed Atlas, São Paulo, 2002.
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem** 21ª ed, Ed Guanabara, Rio de Janeiro, 1986.
- KOSHIBA, L. **História geral e brasileira** 1ªed, Ed. Saraiva, São Paulo, 2004.
- MACLEAN, P. D. **The triune brain in evolution role in paleocerebral functions** Plenum Publishing Corporation, New York, 1989.
- MARX, K. **O capital**
- SUBIRÁ, J. **Historia de la música – Tomo I** 3ª ed, Salvat Editores, Barcelona, 1958.
- TAME, D. **O poder oculto da música** Ed Pensamento Cultrix, São Paulo, 1984.
- VICENTINO, C. **História geral** 1ª ed, Ed Scipione, São Paulo, 2000.